



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,800	1,800	900	6120
Possessões ultramarinas (idem)....	4,500	2,200	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5,000	2,500	—	—

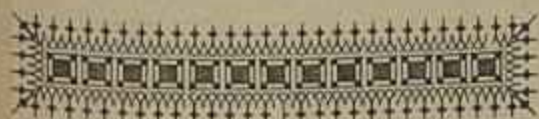
22.º Anno — XXII Volume — N.º 734

20 DE MAIO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUBEIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Duas poderosas esquadras, uma ingleza, outra allemã, vieram de visita ao Tejo, um d'estes dias, saudar a bandeira portugueza, que ainda tremula n'uma enorme extensão da Africa.

A razão principal da visita muito tem sido discutida. Porque veio de Kiel até ás aguas portuguezas a esquadra allemã? Porque encontrou já no Tejo a esquadra do Canal, que, precedida pelo aviso *Pactolus*, aqui deu entrada no dia 10? Fala-se ainda na possível visita de uma esquadra franceza. Que querem dizer tantos cumprimentos?... As respostas são muitas e bem diversas.

Visitas d'estas, ultimamente, foram raras. Ha muitos annos até que a esquadra do Mediterraneo deixou de dar no porto de Lisboa a entrada, que, antigamente, antes de 1890, era quasi certa, todos os invernos.

A entrada das esquadras foi um bellissimo espectáculo, a que, maravilhada, assistiu grande parte da população de Lisboa. Encheram-se de gente todos os altos da cidade, o Aterro, as praças á beira do Tejo, todos os pontos emfim d'onde facilmente se podiam vêr esses novos colossos de guerra cortando majestosamente com suas quilhas d'aço as aguas tranquillias do rio pacato. Desde ha muito, estava elle esquecido de tamanho poderio naval.

Animaram-se as ruas da cidade e o commercio exultou.

Ranchos de marinheiros allemães, em geral graves, sérios, de boa compostura, passeiam pelas ruas, entram nos cafés. Um bando ou outro prova nas tabernas o vinho, que depois lhes sobe ás cabeças. E são cantorias e cambalhotas e seu sopapo á mistura. Coisa de pouca monta.

Lisboa alegrou-se, porque essas dezenas de navios, contando cada um d'elles algumas centenas de tripulantes, deram ao commercio uma desusada animação com seus fornecimentos.

Como amigos foram inglezes e allemães aqui recebidos. Não teem faltado as festas, recepções no palacio de Ajuda, almoços a bordo, bailes nas legações, grandes banquetes na sala do risco do Arsenal da Marinha.

Tornou-se notavel sobretudo o pequenino discurso com que o almirante inglez levantou o brinde a Portugal e falou das glorias d'este pequenino paiz, tão ligado, disse elle, á Inglaterra, que esta, como de proprias glorias, com ellas se alegrava.

E todas essas festas officiaes assim correram, na melhor das harmonias; dando-nos sempre a esperança d'um breve desannuiamento do futuro.

Foi brilhantissima a illuminação a luz electrica da esquadra ingleza na noite do banquete. Eram navios fantasticos com todos os contornos desenhados por estrellas a scintillarem. Cada não era uma joia maravilhosa, não sonhada ainda pela mais opulenta imaginação oriental.

E novamente os altos de Lisboa se apinharam de gente, deslumbrada com o estonteador espectáculo, todos discutindo, que em discussões se tem passado o tempo. Era enorme a multidão no

Castello, na Graça, no Monte, nas Chagas, na Rocha do Conde d'Obidos e sobretudo no Alto de Santa Catharina, o sitio mais proprio para se verem navios.

El-rei, que, mal de volta do Algarve, partira para Evora, voltou a Lisboa para receber os hospedes, que de tão poderosas nações vieram cumprimentar a bandeira azul e branca.

Foram notaveis as festas que em Evora lhe fizeram e deu bom resultado a caçada organizada; mas o dever do monarcha chamava-o á capital do reino e breve teve El-rei que regressar.

A amabilidade da Imperatriz das Indias e do Imperador da Allemanha preciso era corresponder. Inglezes e allemães são nossos visinhos em Africa e fazer-se boa visinhança é regra de boa civilidade e de boa diplomacia.

Poucos dias se demorou no Tejo a esquadra

ingleza. Poucos dias depois da sahida d'esta, demandou a barra a esquadra allemã.

A Allemanha pelos grandes homens de que foi berço tem que ser sympathica a todos. Foi patria de grandes politicos, de famosos generaes, de profundos philosophos, de extraordinarios poetas, de incomparaveis artistas.

Ainda ha poucos dias em Lisboa foi prestada homenagem a um dos maiores genios da humanidade, que muitos classificam até de sobre-humano, e que na Allemanha nasceu, estudou, produziu suas criações.

Foi em casa de Rey Colaço, o nosso pianista insigne, que Antonio Arroyo realisou a sua conferencia sobre a obra de Beethoven, o compositor para quem será eterna a gloria.

Antonio Arroyo é um apaixonado de toda a boa arte. Ainda não ha muito, aqui escrevemos o

THEATRO DA TRINDADE



A ACTRIZ PALMIRA BASTOS

seu nome com merecidos elogios a proposito das conferencias realisadas no Porto sobre a obra de Soares dos Reis e Teixeira Lopes.

Rey Colaço, um artista devoto de boa arte, que em suas salas costuma reunir os mais notaveis cultores e adoradores respeitosos da musica, collaborou com Arroyo na homenagem devida ao criador de tanta obra maravilhosa, ao infeliz Beethoven, cego e surdo nos ultimos dias de sua atribulada vida.

Foi sob todos os pontos de vista notavel a conferencia de Antonio Arroyo, que falou durante mais de uma hora sobre as altissimas faculdades do maior dos mestres, sobre a historia da musica, sobre o seu desenvolvimento.

Uma bella conferencia, como muito seria para desejar que outras, sobre diversos assumptos d'arte, se fossem realisando entre nós, que tão atrasados a tal respeito andamos.

A prova do que affirmava o illustre conferente foi dada immediatamente ao auditorio escolhido.

M^{lle} Alzina, discipula de Colaço, executou o concerto em dó maior; a Sr.^a D. Sara Marques cantou a melodia, *Adelaide*, e o concerto terminou, sentando-se, ao piano, Rey Colaço e executando, com a mestria que lhe conhecemos, as trinta e duas variações em dó menor.

Muitas vezes se tem falado em promover quanto possível o desenvolvimento da arte em Lisboa por meio d'essas conferencias antecedendo a exhibição das mais notaveis obras primas musicas, litterarias, theatraes ou outras.

Bello exemplo deu agora Antonio Arroyo a nossa proverbial indolencia portugueza.

Que o tempo não vai correndo mal para a musica e d'ella ainda nos temos que occupar. Outros espectaculos, a que a musica tem dado realce, ultimamente se realisaram, em festas intimas ou salas publicas.

No salão do real conservatorio realisou se na manhã do dia 15 um concerto promovido pelo conhecido professor Sarti, em que pela primeira vez o publico de Lisboa ponde applaudir o *Stabat Mater* de Pergolesi, uma das melhores obras d'esse famoso compositor, que, morrendo com pouco mais de vinte e cinco annos, vive immortal ha mais de seculo e meio.

A interpretação que mereceu a maior das ovações fora confiada a M.^{me} Sarti e a Sr.^a Condessa de Proença a Velha.

A Sr.^a D. Josephina Aboim e o Sr. Eduardo Pinto da Cunha cantaram o duettino do *D. João* de Mozart. Cantou ainda o Sr. Luiz Coruche e a Sr.^a D. Elisa Baptista de Sousa mais uma vez justificou seus creditos de tocadora eximia.

Uma festa completa. Vai-se, embora vagarosamente, desenvolvendo em Lisboa o gosto pela musica e comprehendendo que ha mais alguma coisa a applaudir do que um dó de peito carissimo d'um tenor de fama em S. Carlos.

E ainda a musica que todas as noites atrahe enorme concorrencia ao Colyseo das Portas de Santo Antão, onde a excellente companhia de Emilio Giovannini, que veio do Porto precedida de grande fama, exhibe seu variadissimo repertorio.

A musica é a rainha das artes, a grande consoladora, a inspiradora sem igual. Ninguem como ella para nos dar azas e atrahir quando é boa, para nos dar azas de fugir quando, como tanta que conhecemos...

Os pianos...!
 Não sei se a anedota é velha...
 Um homem encontra um amigo e dá-lhe parte que vai casar.
 — Mas a minha noiva tem um defeito horrivel: não sabe tocar piano.
 — E achas isso um defeito...!
 — É que não sabe... mas toca!

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

PALMIRA BASTOS

Um caso raro e feliz. Nova e famosa. Começou ha dois dias, pôde quasi dizer-se, e entretanto é das actrizes mais estimadas do publico.

Nos mais differentes generos tem revelado incontestaveis, variadissimas aptidões.

Muito novinha, vimol-a cantar na Rua dos Condes o papel de *Gatinha branca* n'uma revista de Sousa Bastos. Pouco tempo depois entrava para a companhia de Cyriaco de Cardoso no theatro da Avenida, e tanta vocação demonstrava que a companhia de Rosas e Brazão offerencia-lhe escriptura e alguns bons papeis, no giro artistico que deram pelo Brazil.

De volta a Lisboa, entrou pouco tempo depois para a companhia do theatro da Trindade, onde fez o papel de *André* no *Burro do sr. Alcaide*.

Sousa Bastos, que fôra procurar uma actriz promettedora, achou n'ella uma verdadeira estrella. Ligado hoje a Palmira Bastos pelos laços do matrimonio, com a sciencia de theatro que possui, tem carinhosamente educado a esposa que bem tem cumprido quantas promessas fizera seu talento ao despontar.

Palmira Bastos, que, durante um anno representou ao lado de Virginia, de Mello e de Ferreira da Silva, mostrou que podia no drama attingir a altura a que raras privilegiadas podem subir. Na *Bohemia*, na *Honra*, no *Auto dos Esquecidos*, Palmira foi applaudida com enthusiasmo pelos espectadores e pela critica.

O theatro mudou de genero e Palmira voltou aos seus antigos papeis de opera comica, que faz com uma graça, uma finura, uma arte viva e encantadora.

O que ha de mais notavel em Palmira Bastos é que a sua finissima intelligencia lhe marca definitivamente os limites em que o seu talento deve exercer a actividade. Recursos não lhe faltam nem azas para voar; mas em Palmira não ha que temer as quedas. Equilibrada como raras artistas, egual a seu talento o seu bom senso. A si mesma se conhece, e longe por isso está sempre do ridiculo, em que por vezes vemos cahir artistas de grande nome e extraordinaria fama.

Sympathica, insinuante, elegante no andar e no vestir, sobria no gesto, possuidora de uma voz que o estudo e methodo teem aperfeiçoado, Palmira Bastos tem uma larga, facilissima estrada a percorrer, qualquer que seja o genero a que deseje dedicar-se.

Está agora na opera comica e os que a viram no drama teem saudades d'ella. Diz-se que, de volta do Brazil, entrará para um dos nossos theatros de declamação, e todos os maestros prevêm insubstituivel o seu logar na Trindade.

Faça ella o que o coração lhe disser, que esse é quem manda nos artistas.

Seja qual for o palco em que appareça, as nossas mãos estão promptas para o applauso.

Sousa Bastos parte brevemente para o Brazil. Desejamos-lhe tanta felicidade como merece e que Palmira Bastos volte breve de alem mar com mais uma duzia de estrellas na sua corôa já tão scintillante de artista de primeira ordem.

MONSERRATE

No principio d'este seculo, um inglez, que pacientes investigadores affirmam ter sido o general Trant, mandou collocar na *Fonte dos Amores*, da quinta das Lagrimas, em Coimbra, uma lapide de marmore com a formosissima estancia CXXXV do canto III dos *Lusíadas*:

As filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memoraram,
 E por memoria eterna em fonte pura
 As lagrimas choradas transformaram;
 O nome lhe puzeram que inda dura
 Dos amores de Ignez que alli passaram;
 Vêde que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas são a agua e o nome amores.

Ora, bem podia sir Francis Cook, visconde de Monserrate, cujo bom gosto não é nada inferior ao d'aquelle seu patricio, mandar tambem collocar á entrada da sua magnifica quinta de Monserrate estes bellos versos do canto I da *Peregrinação de Childe Harold*, de lord Byron:

XXII

There thou too, Vathek! England's wealthiest son,
 Once formed thy Paradise, as not aware
 When wanton Wealth her mightiest deeds hath done,
 Meek peace voluptuous lures was ever wont to shun.

XXIII

Here didst thou dwell, here schemes of pleasure plan,
 Beneath yon mountain's ever beautiful brow:
 But now, as if a thing unblest by Man,
 Thy fairy dwelling is as lone as thou!
 Here giant weeds a passage scarce allow
 To halls deserted, portals gaping wide:

Fresh lessons to the thinking bosom, how
 Vain are the pleasures an earth supplied;
 Swept into wrecks anon by Time's ungentle tide!

O que em portuguez quer dizer:

Alli tambem tu, Vathek! opulento inglez, fizeste outr'ora o teu paraizo, sem considerar que a riqueza, prodiga de voluptuosidades, quando uma vez chega a realizar os prodigios de que é capaz, é para logo se dizer adeus a todo o socego.

Aqui moraste, aqui sob os pincares sempre bellos d'esta serra, formaste sonhos de prazer. Hoje, porém, como cousa amaldiçoada dos homens, a tua vivenda encantadora está solitaria como tu. Altas hervas parasitas a custo dão passagem para salas desertas e portaes abertos. Que lição ainda recente para o homem que medita! Vaidade dos prazeres do mundo que o tempo inexoravel depressa mudou em ruinas!

A primeira leitura, não se percebe bem o sentido d'esses versos, porque naturalmente se ignora quem seja Vathek. Já o expliquei em livro com toda a clareza, e não sei que outrem o fizesse antes de mim. Decorridos, porém, alguns annos, ainda um constante leitor do *Economista* (n.^o 1463, de 20 de julho de 1886) affirmava que nunca pudera entender aquella passagem de lord Byron: «O palacio—diz elle—do opulento inglez Vathek, a que Byron se referiu, deve ser o de Monserrate, que ainda hoje continua a pertencer a um inglez, tambem opulento. Mas, a respeito de Vathek, estou pouco mais do que a ver navios. Veja v. ex.^a se tem melhor vista do que eu: auxilie-me.» Vou por isso dar aqui novamente, em resumo, a explicação.

Em primeiro logar, Vathek é um livro, um romance oriental, escripto primitivamente em francez, com o titulo de *Historia do khalifa Vathek*, a respeito do qual lord Byron escreveu a nota seguinte: «Vathek é um dos livros que mais admirei na minha mocidade.»

Em segundo logar, no poema, Vathek é um tropo, em que é tomada a obra pelo auctor, e o auctor de Vathek foi William Beckford, que morou na quinta de Monserrate, como veremos. D'onde se depreheende que as duas estancias citadas, que fazem parte da maravilhosa descripção de Cintra por lord Byron, sem duvida nenhuma se referem á quinta da *Bella Vista*, como antigamente era chamada, isto é, á quinta que foi de Beckford no sitio de Monserrate, como é de tradição, confirmada até pelo erudito escriptor da *Cintra Pinturesca*.

Tenho dito o bastante para mostrar a propriedade da collocação dos versos de lord Byron á entrada da celebre quinta, tanto mais que o sr. visconde de Monserrate tem no mais alto apreço essa expansão genial do grande poeta inglez em frente das antigas ruinas da sua «vivenda encantadora.» Pois, segundo me contou a senhora viscondessa do mesmo titulo, sir Francis Cook, quando adquiriu a quinta, mandou colher com todo o cuidado as altas hervas parasitas (*giant weeds*) que embaraçavam a passagem para salas desertas e portaes abertos (*To halls deserted, portals gaping wide*), e collocar-as em vasos na sua bibliotheca, onde se conservam sempre, em memoria da elevada homenagem de lord Byron.

A denominação da quinta — *Monserrate* — remonta a sua origem ao seculo xvi. Com effeito, em 1540, um clérigo, de nome Gaspar Preto, edificou alli uma ermida da invocação de Nossa Senhora de Monserrate, cuja imagem era de alabastro, e fôra por elle comprada em Roma. Deu-lhe esse titulo em recordação da visita que fez, no regresso da cidade eterna, ao celebre santuario de Nossa Senhora de Monserrate em Hespanha.

Andando o tempo, a ermida cahiu em ruina, e no seculo passado um negociante estrangeiro, Gerardo Devisme, arrendou por nove annos a quinta, demoliu a ermida e a casa antiga que lá havia, segundo parece, com a intenção de renovar o arrendamento. E levantou uma bonita casa de campo; mas, tendo que ausentar-se inesperadamente para o Brazil, arrendou em 1794 a quinta de Monserrate a William Beckford, que deu alli brilhantes festas.

Este riquissimo inglez era filho do alderman (vereador) Beckford, e, como herdasse em tenra idade a immensa fortuna de seu pae, viajou muito na sua mocidade pela Italia, Sicilia, Hespanha e Portugal. Apaixonado pelas bellas-artes e lettras, possuuiu uma bellissima galeria de quadros, e foi um escriptor vigoroso e original.

Em 1780 se publicou a sua primeira obra, ligeiramente satyrica, que tem por titulo — *Memoarias biographicas de pintores extraordinarios*, e

quatro annos depois appareceu o romance de *Vathek*, em que acima fallamos. Todavia, as suas melhores obras só vieram á luz passados muitos annos. São as *Cartas de Italia com esboços de Hespanha e Portugal*, de 1834, e as *Recordações de uma excursão por Alcobaca e Batalha*, de 1835, que foi a ultima. Teve duas filhas, a mais velha das quaes casou com o 10.º duque de Hamilton.

A partida de Beckford para Inglaterra marca o principio da decadencia e ruina do antigo palacio, do qual ainda ha «um quadro original feito a tempera no anno de 1808», que foi reproduzido em gravura no *Archivo Pittoresco* de 1864. As causas d'esse facto, como já teem sido referidas, foram os acontecimentos politicos do principio d'este seculo, as invasões francezas, os sacrificios que ellas impuzeram á nação, a partida da familia real e de varios membros da antiga nobreza da corte, para o Brazil.

Em 1863, o sr. visconde de Monserrate comprou a quinta a Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel, para construir o magestoso palacio, no estylo da architectura arabe, que, se nem todos tem visto, ao menos conhecem pelo sem numero de photographias que de elle em toda a parte se encontram. O sitio, na verdade, não pode ser mais bello, «em um monte despegado que se avança como atalaia do resto das ondulações da serra», como bem diz um escriptor. E a antiga quinta, hoje muito ampliada com outros terrenos que o sr. visconde de Monserrate tem adquirido, as quintas do Espirito Santo e da Penha Verde, forma uma vasta e importante propriedade.

Obra, porém, mais meritoria do que erguer palacios, povoal os de estatuas, enche-os de quadros preciosos, moveis ricos, sedas e tapeçarias, tem emprehendido os srs. viscondes de Monserrate — a instituição e manutenção de oito escolas de ensino primario, em logares circumviscolos de Monserrate, a saber: Cintra, Collares, Penedo, Varzea, Morelino, Ribafria e Sabrés, onde se ensinam mais de 400 creanças de ambos os sexos.

O ensino é dado por professoras de reconhecida aptidão, que se esmeram em promover effizazmente o adeantamento dos alumnos.

Este nobre procedimento é superior a todo o elogio. «Quão poucos — diz José de Maistre — são aquellos cuja passagem n'este desasidado planeta foi assignalada por actos realmente bons e uteis! Curvo-me até ao chão deante d'aquelle de quem se pode dizer: *Pertransiit beneficiendo* (Passou fazendo bem); que conseguiu instruir, consolar, socorrer os seus semelhantes; que fez sacrificios verdadeiros para praticar o bem... Mas, qual é o modo de vida ordinario dos homens? e, em mil, quantos ha que possam perguntar a si mesmos sem terror: — O que fiz eu n'este mundo? Em que fiz eu avançar o movimento geral?»

A 13 de setembro de 1890, um domingo, houve na quinta de Monserrate uma festa grandiosa para solemnizar a distribuição dos premios aos alumnos e alumnas, que mais se tinham distinguido pelo seu aproveitamento no anno lectivo antecedente, e tambem para incentivo dos que iam começar as suas lides escolares.

As 4 horas da tarde verificou-se a distribuição dos premios, que constavam de côrtes de chita, gran-percal ou riscado — ao todo 1:800 metros — gran-quantidade de gravatas, enxovaes completos, meias, botas e outros pertences do vestuario infantil. Foram tambem contemplados os rendeiros e trabalhadores da quinta, recebendo cada mulher um vestido, e cada homem duas camisas.

A entrada do parque, uma abundante refeição, composta de carnes frias, pão, fructas e chá, foi servida ás creanças, que, no dizer de uma testemunha ocular, «occupavam duas interminaveis mesas de occasião, uma das quaes reservada ás creanças do sexo masculino, que ficavam *vis-à-vis* das meninas.»

Depois das creanças sentaram-se tambem á mesa os paes e as mães. Estiveram lá n'aquelle dia mais de 5:000 pessoas.

Houve tambem um excellent jantar aos convidados, que eram muitos.

Ainda hoje dura a mais viva recordação d'essa festa deslumbrante, realçada pela innocencia das creanças, n'aquelle estancia deliciosa, em que era facil apercibir *le doigt de la femme*. Pois não se enganará, de certo, quem attribuir o seu pensamento inicial á sr.ª viscondessa de Monserrate, dama de altos espiritos, escriptora muito distincta e sinceramente devotada á civilização do povo pela instrução, á emancipação da mulher, á conquista do progresso pela perseverança no trabalho, ao bem e ao bello. Sim, ao bem e ao bello, porque a ella se deve o ser hoje franqueado a to-

dos o magnifico palacio, que de antes a ninguem, com rarissimas excepções, era permittido ver.

Da primeira e unica vez que estive em Monserrate, a sr.ª viscondessa trajava com apurada elegancia e muita simplicidade, o que dava a perceber ainda de longe a sua esmerada educação. Nas poucas palavras, que tive então a honra de trocar com s. ex.ª no seu idioma patrio, fiquei deveras captivado da extrema delicadeza com que fui recebido. E devo acrescentar que, aproveitando a liberdade do campo, rompi com o estylo e usos britannicos, não solicitando apresentação nenhuma. Apresentei-me só com o meu livrinho — *Lord Byron em Portugal* — e creio bem que a esse titulo, por assim dizer, cosmopolita, que exprime claramente ser uma relação da viagem do celebre poeta a Portugal, devi a grande satisfação de um attencioso *Welcome!* bemvindo a Monserrate.

Alberto Telles.

MEMÓRIAS LITERARIAS

JOÃO PEREIRA DA COSTA LIMA

(Continuado de n.º 732)

IV

Do Maranhão passou Costa Lima a estabelecêr a sua casa fotografica no Pará, onde mais a popularizou, escrevendo versos, tomando parte em saraus, festejos e recitas, e onde permaneceu mais tempo.

Por esta época escreveu elle a sua primeira peça teatral, *As Pupilas do Escravo*, drama em três actos, inspirado nos costumes e destino dos pretos, que elle estudou e observou de perto, sendo óptimo imitador dos seus modos e linguagem.

Desta vez por seria enfermidade, voltava novamente a Portugal, em 1865, aos 29 annos de idade, e lá hospedar-se em Bemfica, na casa de seu tio o commerciante Almeida Lima, onde teve por enfermeira cuidadora e amavel sua prima D. Adelaide, que pouco depois se tornava sua esposa.

Se não fôra a circunstancia da doença, que o obrigou a estudar, minuto a minuto, dia a dia, as qualidades daquella boa senhora, Costa Lima, que não se demorava nunca em observações duradouras sobre coisas e pessoas, com o seu espirito instavel, talvez não chegasse a matrimoniar-se em tempo nenhum.

Os que lhe conheciam o carácter inconstante na forma, mas honrado e laborioso no fundo, julgaram que o casamento seria para elle a estabilidade e a quietação futuras.

Pelo decorrer destes apontamentos, veremos se o conheciam bem os que presumiam conhecê-lo. Acompanhado de sua mulher, em 1866, voltava ao Pará, onde reabria o seu estabelecimento fotografico, correndo-lhe prospera a fortuna, quanto a dinheiro, mas muito adversa no que respeitava á saúde da esposa, cuja compleição era refractaria ao novo clima.

Esta poderosa razão obrigou-o no anno seguinte a trespassar a sua casa a Felipe Fidanza, seu compatriota e fotografo, que ainda hoje é um excellent artista na mesma localidade, e a regressar a Lisboa, onde, para bem dizer, contado o tempo da meninice e o da larga peregrinação e residencia em terra alheia, ia começar a terceira época da sua vida.

Apesar de tudo, como já temos indicado, Costa Lima possuia boa dose de prohibidade e certas qualidades affectivas, alem da habilidade tenaz para angariar os meios de vida, predicados, que o tornavam distincto do bohémio, cuja aliança repele.

O sentimentalismo não era o seu menor predilecto.

Abramos o seu album nas páginas, onde se encontram os versos incompletos da sua poesia *O Colono*, e ahi o reconheceremos como protagonista, que peregrinou, e sofreu.

A pobre mãe entrega ao pequeno emigrante a trouxa de roupa, que este leva para o navio, essa estranha máchina, que ha-de expatriar-o.

.....
Poi numa manhã de inverno
Fria, ventosa, gelada,
A bordo era tudo inferno
Nos preparos da jornada;
No convex, em cada canto,
Não se via um rosto enxuto:
Eram torrentes de pranto,
Pranto de um dia de luto.

Pelas enxarcias os ventos
Soltavam tristes zunidos,
Como orchestra de lamentos;
Num concôrto de gemidos,
É que nessa hora suprêma
D'um adeus, á despedida,
Não ha lábio, que não trema,
Nem lágrima reprimida.

Minha mãe, silenciosa,
Contra o peito me estreitava;
Naquella alma dolorosa
Nenhuma angustia faltava,
Do pranto bebia as fezes
Num transporte longo e mudo...
E' que a mudêz, muitas vêzes,
Nada diz, dizendo tudo.

Quando a voz do commandante
Retroou pelos espaços:
— Larga! larga! — si! nêsse instante,
Sentindo-a fugir dos braços,
Como um cão, que alem, da margem,
Num batel vae vendo o dono
Sumir-se, ao sôpro da aragem,
E ali fica ao abandono,

Ganindo, uivando, convulso
De dôr, de pena, de mágua,
Como a querêr num impulso
Atirar-se ao cima da agua;
— Assim eu, no mêsmo ancêio,
Vendo-a sumir-se na bruma,
Senti as fibras do seio
Retalharem se, uma a uma.

Depois... moveu-se a barca, e num momento
As velas defaldando ao mar e ao vento,
Passou alem da barra,
Semelhante ao milhafre, que na garra
Leva a tímida rôla pelos ares.
O abutre dos colonos vae no bôjo...
E leva bem seguro o seu despojo
Roubado da familia aos pobres lares.

Éstes sentidos versos, que se não parecem com os precedentes pela corrección e pela sonoridade, são evidentemente uma página do coração, e representam uma vigorosa e triste lembrança, e uma notavel amostra das desaproveitadas aptidões do autor.

Continuemos porém:

.....
Sabe alguém quanto custa ao desgraçado
Colono o pão da vida, que é regado,
Com lágrimas de escravo, em terra alheia,
Quando sente correr, de veia em veia,
O sangue refervido ao sol ardente,
Que queima, como lava incandescente,
Nos êrmos do Equador? e, a cada instante,
Nos horrores da febre calcinante,
Nas ancias, na fadiga, no trabalho,
Pedir em vão aos ceus um dôce orvalho,
Esse orvalho, que a planta Deus concede,
Que a febre lhe mitigue, e mate a sêde,
E uma luz, que lhe sirva de bonança,
Um raio, um raio ao menos de esperança,
Que pareça dizêr-lhe: — Sua, lida,
Trabalha, que amanhã uma outra vida
Te aguarda alem...; alem... finda a vigília,
No regaço da paz e da familia?

Sabe alguém o que é viver sem um auxilio
Nessas longinquas plagas? nêsse exilio?
Oh! bem felizes vos, antes nascidos
Em bérços d'oiro! vós sempre aquecidos
Desde a infancia aos ternissimos batêjos
Da mãe, que vos adora, que os desejos
Vos pre-sente, adivinha, e no regaço
Meiga vos paga em beijos cada abraço!
Que ri do vosso rir, e chora, quando
Afflicta, a dôce mãe, vos vê chorando!
Vós, que nem mêsmo uma hora separados
Vos vistes pela ausencia! Ah! bemfadados!
Quem nunca se viu longe... bem distante
Da patria, da familia, ou de uma amante,
Não sabe o que é sofrer na mocidade
Dez annos de martirio e de saudade!

Nós pela nossa parte, ao preconizar a verdade d'este quadro, bem experimentado por nós, diremos que só a ausencia e a saudade podem fornecer semelhantes tintas.

Costa Lima sentiu dolorosamente o que escreveu, indicando-nos a época d'esse incompleto escripto, sem o pensar e sem o querêr talvez.

Afirmando que ninguem dentro da patria pode sabêr o que são

Dez annos de martirio e de saudade;

e tendo ido para o Brazil aos 14, mostra-nos claramente que escreveu esses versos, em 1860, aos 24 annos de idade, ou pelo menos que os tracejou, apurando os mais tarde, visto que as amostras precedentes são de 1863 e de si muito insignificantes.

Algum tempo depois de chegar a Lisboa, em meado de 1867, Costa Lima adquiriu por trespasso a afamada *Fotografia Silveira*, o celebre moedeiro falso, que a estabeleceu na rua do Thesouro Velho e no lugar, que hoje occupa o teatro D. Amelia.

Se esse estabelecimento deu ao novo possuidor não pequenos encómodos pelas repetidas buscas, a que a policia procedeu, em razão da casa ter pertencido ao notavel falsificador, tambem lhe serviu, no andar do tempo, para título de popularidade e glória.

Converteu-se, em horas vagas e ás noites, em centro de reunião e ensaio de alguns artistas e especialmente de curiosos dramaticos, que celebraram frequentes espectáculos e varios festejos no velho teatro do Aljube e na sociedade da rua do Alecrim, chamada do *Carapau*, porque a sua instalação primitiva fôra feita numa casa da Ribeira Nova, fronteira do mercado de peixe.

O crisma burlêsco nasceu de se dizêr, ao designar a sociedade, que se ia para o Carapau; e tão forte se tornou que foi companheiro da sociedade dramatica para a rua do Alecrim e para a casa, onde se vê hoje a *Arcada de Londres*.

A tal respeito e para signal da importancia e duração desta sociedade, bom será notar que a picarésca denominação resistiu ao tempo e ao próprio termo da agremiação, pois que ainda ha pouco ao gremio progressista, que la funcionou, se chamava o *Centro do Carapau*.

Costa Lima, como é de vêr, em sua casa e fora della, constituiu-se a alma do movimento teatral particular, como actor e autor.

Escreveu a *Espadela* e o *Othello tocador de*



VISCONDESSA DE MONSERRATE

realejo, e refundiu o seu drama *Os Pupilos do Escravo*, peças que passaram ao teatro Gimnasio, onde elle, a pedido da empreza, foi desempenhar as personagens principaes de todas ellas, porque ninguem possuia qualidades imitativas eguaes ás suas.

Na *Espadela* resumia costumes ovarinos que

observara na sua própria terra, não lhe esquecendo de acentuar bem o característico namôro aos empuxões.

Quando o rapagão do Thomaz se queixa á velha Terêza de que a sua *Jaquina*, a sua conversada, o vae trocar por um *casaca* da cidade, entre o mais, que viu, afirma:

— Elle estava-le a fazer gaitônas, assim, no queixo, e ella a fingir que *nan* qu'ria, e elle a teimar, e ella a deixar-se ir, e a pôr-se *ós* murros a elle! A... aquêlles murros eram *munto* meus! Se elle os quer que vá lá p'ra *cedade*, que *nan* falta quem *los* dê.

As habilitações e o estudo local, de que o autor dispunha, davam-lhe portanto uma feição, que ninguem podia disputar-lhe.

Nos *Pupilos do Escravo*, a larga convivença com os pretos do Brazil, dos quaes imitava com a máxima correção os modos, as cantigas e a linguagem, assegurava-lhe um exito ainda melhor.

No *Othello tocador de realejo* finalmente, a circumstancia de ter sido escrito para uma paródia ao trabalho do tragico Rossi, que em vespéras de partida, fôra ao Gimnasio admirar e elogiar Costa Lima, a acentuação correcta, com que este imitava o italiano, fizeram que o autor servisse de mestre, como actor, aos artistas representadôres, que se lhe seguiram.

Ha numerosas familias e companheiros seus, que ainda hoje se lembram com saudade dessa época brilhante.

Em 1871, três annos e meio depois de estabelecido, em razão do seu temperamento e por ventura dos recentes processos fotograficos, que entraram em lucta com os seus, engendrou Costa Lima novo projecto de vida: o que sempre lhe foi facil.

Conferenciou com Procópio e Lambertini, que



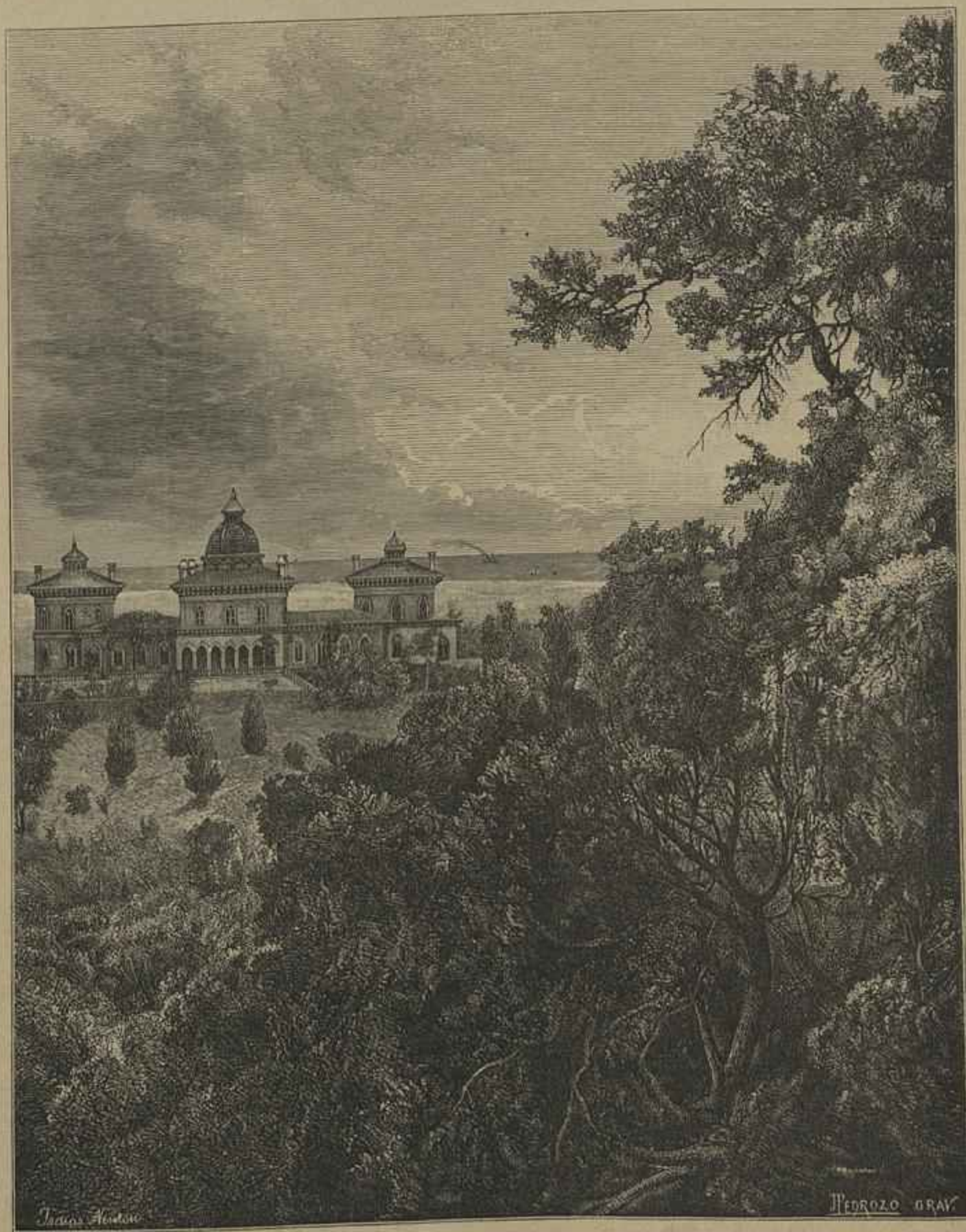
MONSERRATE — ENTRADA DO PALACIO

scenografavam de sociedade, disse-lhes o que pretendia, e contractou com elles a pintura de um extensissimo pano de fundo, que se desenrolasse lentamente á vista do expectador, durante certa representação, e apresentasse a toda a altura da caixa o comprido e formoso panorama de

Organizada uma companhia ambulante, de que era o primeiro actor e o chefe, começou a expôr o seu repertorio e o panorama, que despertou um alegre alvoroço entre a colônia portugueza, entusiasmada por ver representar comedias de costumes nacionaes, ao mesmo tempo que se

cross do feliz empresario, que, por uma notavel coincidência, se encontrava nos mesmos intuitos de exploração artistica com o trágico Rossi, que foi ver e cumprimentar.

O famoso artista, recordando-se da paródia, que vira em Lisboa, feita á sua personalidade com



MONSERRATE — VISTA GERAL

Lisbôa, desde a barra até ao extremo de Santa Apolonia.

Feito isto muito a seu contento, muniu-se das peças dramaticas já mencionadas, juntou-lhes a imitação em 1 acto *Orestes e Pilades*, que compozera anteriormente, escreveu a bordo do vapor, em que entrou, uma nova comedia, em 1 acto *A Vindima*, e dirigiu-se com toda essa bagagem artistica e literaria ao Rio de Janeiro.

desenrolava e ella via, saudosa e palpitante de comoção, o magnifico panorama da capital do seu paiz.

Não era preciso mais. A lembrança de Costa Lima alcançava um premio avultado de grandes applausos e optimos lucros; e elle mandava a toda a pressa encomendar a Procópio e Lambertini um panorama identico do Porto.

A chegada deste novo pano augmentou os lu-

tamanha correccção, mostrou desejos de a tornar a presenciar.

Costa Lima, admirador convicto do afamado italiano, esmerou-se no desempenho, que deu ao tocador de realejo do seu *Othelo*, pronunciando os trechos da lingua de Dante com o accionado e a modulação da voz de Rossi, que em testemunho do seu aprêço e gratidão lhe offereceu o retrato, cuja dedicatória tem a data de 27 de Junho de 1871.

Não colleccionando nunca as lembranças dos seus triumphos, e importando-se até muito pouco com ellas, o autor da comedia *Othello* ligou sempre manifesta importancia ao retrato de Rossi.

Resolvido, depois d'isso, a transferir-se para o norte do Brazil, percorrendo o litoral, Costa Lima passou da capital ao Rio Grande e a outras localidades do sul, onde continuou a ganhar gróssos dinheiros.

Conseguido o seu desiderato, esperava elle e com toda a razão alcançar uma riqueza; antigos padecimentos porém, e que avultava uma afeição de bexiga, obrigaram-no a desfazer-se do material da sua empresa, vendendo-o ao actor português, ha pouco falecido no Rio de Janeiro, Vicente Rodrigues, que seguiu o itinerario traçado pelo seu antecessor até ao Pará, onde o tracejador destas linhas chegou a assistir á exhibição das comedias e panoramas, que em verdade produziam em almas bem portuguezas o vivo agrido das saudades e as exaltações do patriotismo, que só os exilados podem e sabem sentir.

Mal diríamos nós então, que, ainda por um sentimento de apego ás coisas pátrias, havíamos de ser o chronista dos objectos e do autor desses espectáculos!

Depois da demora de um anno e tanto, Costa Lima voltava novamente a Lisboa, em 1872, trazido pela enfermidade, e empregava em inscrições hespanholas o avultado pecúlio, que afortunadamente adquirira.

Nova fatalidade no entanto lhe vinha ao encontro, e tal impressão lhe causou que uma grande parte dos seus cabellos branquearam, de um dia para outro, segundo o seu testemunho.

Os acontecimentos politicos de Hespanha fizeram baixar o seu papel a um preço arrastado, que representava enorme prejuizo, e meteu pavor.

Costa Lima, sem animo para esperar, como mandava a boa razão, assustou-se em demasia, e no anno seguinte vendia ao desbarato todos os valores hespanhoes, que possuia.

Este revez foi o maior e mais sério de toda a sua vida. Costa Lima, pela primeira vez, pensou maduramente no seu futuro e no da esposa, embora desta não tivesse descendencia, que estipendiar, e temeu por ambos.

Esta preocupação havia de acompanhá-lo, como acompanhou sempre.

Precisa-se tornava uma volta immediata ao trabalho, e portanto elle, readquiridas, numa grande parte, as feições peculiares do seu carácter, empregava-se como gerente do café da *Europa* o antigo *Hespanhol*, do Rocio, então pertencente ao pai de Mattos Moreira, de quem já era presador e amigo, como não podia deixar de ser, visto que a convivencia deste, na sua qualidade de traductor, editor e autor de comedias e litteratices varias, lhe seria proveitosa e agradável.

Continuando a obedecer á instabilidade da sua natureza, á sua tendencia para coisas teatraes e ás muitas solicitações de amigos e admiradores, voltou a tomar parte em espectáculos de curiosos, em casas particulares, no teatro Taborda, em varias peças, e annos depois no do Principe Real, desempenhando o difficilissimo papel do velho Gaspar nos *Sinos de Corneville*.

Não nos antecipemos porém.

Continuando tambem e sempre a seguir a feição principal do seu temperamento, de gerente do botequim passou a escriptorio ajudante do fiscal Serrinha, no hospital de S. José, donde se transferiu para o Porto, no emprégo de pagador do caminho de ferro do Minho e Douro.

Restam-nos dessa época três poesias suas—*Fado*, inédito de onze quadras, escrito no seu album, em 1875; *Paç e Progresso*, impressa em avulsos e distribuida no teatro de S. João, onde elle foi recital-a, na presença de el rei D. Luiz, que acabava de assistir á inauguração do dito caminho de ferro, em 17 de maio desse anno; e *Emfim*, versos congratulatorios por ter acabado a guerra civil de Hespanha, dados á luz num jornal portuense, em 10 de março de 1876, uns e outros apensos ao sobredito album.

A primeira composição, o *Fado*, é ligeira como o titulo indica, mas redundante em nenia ou simples queixume pessoal e não em cantata erótica, que se casa aos sons da gemebunda guitarra.

E como segue a quadra mais de estimar:

Hôje, debil como a palma,
Que sacode o vento irado,
Nas últimas cordas da alma
Quero saudar o passado.

A segunda, *Paç e Progresso*, não tem espontaneidade; é uma poesia de ocasião, um objecto de encomenda. A estrofe seguinte constitue a melhor das suas cinco décimas:

Paz! ó paz! bendita sejas!
Bem dita, lúcida estrella,
Pomba, que nos ceus adejas,
Quando vae finda a procela;
Bandeira, que no Calvário
Se arvorou; branco sudário
De puro sangue manchado,
Legado santo, eloquente,
Dêsse mártir innocente,
Que na cruz morreu cravado.

O terceiro escrito, consagrado á Hespanha, sim: é meditado, vigoroso e sentido; compõe-se de onze décimas, de que destacamos três, pesando-nos que o espaço nos não dê maiores ensanchas.

São irmãos os combatentes,
No mesmo ventre gerados
Da mãe patria! Dissidentes,
Cegos, loucos, desesperados,
Vão lançar-se na voragem,
Dando exemplos de carnagem,
Como esfaimadas panteras!
; Na peleja enraivecidos,
Quem dirá, pelos rugidos,
Se homens são ou brutaes feras?!

E a glória? De quem a glória?
Do matador... ou do morto?
Como, ó Christo, é irrisória
A tradução do teu Hórto.
Como os homens em delirio,
Escarnecem do martirio,
Que sofrêste em seu proveito!
Com que pallido cinismo
Vão profundando esse abismo,
Que os ha-de sorvêr no leito!

Falando dos padres, que animavam a guerra de Hespanha com a palavra e o exemplo:

Junto ao trabuco execrando,
Pende-lhe ao lado um rosário!
E... vão matando... e prégando
O verbo... a lei do Calvário!
Ó padres! com que direito
Metralhaes o debil peito
Da patria, que jaz exangue,
Em nome de Deus? Mentira!
Quem com sangue redimira...
Não quer dos homens o sangue.

Estes versos não são de uma cabeça airada, nem de um coração levemente pervertido, como podem ser os do bohémio. A alma do autor, aberta a todos os sentimentos generosos, não tomava parte nas volubilidades do seu carácter.

(Continúa)

Sanches de Frias.

OS ELEPHANTES

POR P. DE S. VICTOR

Causou-me sempre desagrado ver este animal antidiluviano a exercer o officio dos cavallos sabios e dos cães instruidos. A palhacis que faz subir postos ás outras alimarias, representa para o nobre e atilado elephante méra decadencia. Afigura-se-me estar vendo um patriarcha a fazer de bôbo. Um não sei quê de humano anima aquella gigante, uma centelha de alma anima aquella monolitho ambulante. Nada tem de brutal, vulto tão intenso, a sua monstruosidade nada apresenta de hediondo. Aquella enorme cabeça em que luz um olho sagaz, á qual servem de ventarolas duas oréllhas com prégas de estandarte, dir-se-hia que traz lá dentro incubados os segredos do mundo primitivo. «Ha ali alguma coisa», sob os planos de cupula da sua fronte abaulada. O nariz fantastico que lhe serve de remate, aquella tromba subtil e terrivel, á qual tanto lhe custa desarreigar uma arvore como colher uma flor, esganar um tigre, ou pegar n'uma creança em charola, dá muito mais ideia de um orgão intellectual que d'um orgão bestial. Vê-a-iámos, sem espanto de maior, descaçar um ovo.

E' abrupta a estrutura do elefante, á maneira porém da dos penédos; não tem mais de feio do que tem de disforme qualquer montanha. No li-

vro de Job, Deus mostra-se desvanecido pelo ter creado.

«Eis aqui Behémoth em que puz minha alegria.»
Côme herva como o boi; seus ossos são tubos de bronze, seus membros barras de ferro. E' a primeira entre todas as obras de Deus. Aquelle que o creou deu-lhe em dote o proprio gladio.»

Nem mesmo deixa de ser airosa tão pesada móle. Os poetas indianos compararam, por mais de uma vez, o andar de uma rapariga com o de um elefante ainda novo. Ha dias, em Paris no Jardim das Plantas, contemplávamos duas crias de elefante, entretidas em seus brinquédos. Buscavam-se mutuamente, evitavam-se, davam marrádas, marinhavam um pelo outro, com gentileza gigantésca. Enlacavam as trombas, ageis e brincalhonas que nem braços de creança. Formavam, a todo o instante, grupos que nem feitos de encomenda para a decoração d'um pagode ou para as fantasias da porcelana.

A ninguem passará pela ideia o horrendo hippopotamo, a resfolgar chapinando nos rios sagrados do Eden; a imaginação, comtudo, não sente repugnancia em fantasiar o elefante seguindo atraz de Eva no jardim celestial, e colbendo-lhe delicadamente, com a extremidade da tromba os fructos ou as flores, ás quaes ella não podia chegar com a mão.

Um vago respeito vem juntar-se ao espanto que nos inspira tão grave antepassado do reino animal. Seus instinctos assemelham-se a virtudes. Prudente qual ancião, frugal qual cenobita, tão accessivel ao sentimento do beneficio, como ao do rancor.

Seus costumes denunciam mysteriosa moralidade. E' notorio o pudor que preside aos seus hymenéos, e do qual tão maliciosamente se riem os macacos, que o perseguem de arvore em arvore, quando corteja a sua fêmea. O casal atonito andará vinte léguas, se tanto for preciso, afim de escapar a seus olhos obscenos: só quer amar no deserto.

Compreende-se que a India tenha deificado um tal colosso. As almas das divindades vêm, de tempos a tempos, encerrar-se em seus grosseiros flancos, tal qual se internam os ascetas nas cavidades das rochas adustas.

Gainz, o Deus indiano da humana sabedoria, ostenta sobre um corpo humano uma cabeça de elefante: Jamais esquecerei a impressão de majestada monstruosa que senti quando, ao entrar no muzéu de Leyde, me encontrei cara a cara com a estatua do Deus proboscide. Está sentado com a tiara na cabeça, n'uma cathedra de granito, em attitude pontifical.

Os dentes estão circumdados por collares, pendem-lhe, das oréllhas, pesados anneis; a tromba em repouso, dorme enroscada sobre o peito do colosso, qual serpente familiar; os olhos pequeninos, piscos, sobressaem por entre meadas de rugas, fitos em amorosa contemplação na flor de lodão que na mão ostenta. Dir-se-hia o pápa de pantheismo sentado na sua cadeira a meditar nos mysterios cosmogonicos da criação.

A propria antiguidade classica, tão affastada do culto que o Oriente tributa aos animaes, não poudesquivar-se para com o elefante a uma religiosa superstição. Os naturalistas orientaes a elle se referem apontando-o como um homem enorme. Plinio gaba-lhe literalmente a probidade, a prudencia, a equidade e a clemencia, e até mesmo a piedade. Diz elle que o elefante adora o ceu, e que, pela manhã, saúda com a tromba o sol nascente. Conta o escriptor latino que, em Africa, a cada lua nova, se vém rebanhos de elefantes, descer das florestas até á margem dos rios, e ali, purificar-se, em honra do astro do dia, com aspersões solémmes. Dion Cassio diz que, assim que a lua nova desponta no horizonte, aquelles animaes vão colher flores afim de lhe offerecêr ramalhetes. Ello refere que já se ouviu falar um elefante; e que o viram escrever com a tromba sentenças na areia. Plinio affirma ainda que conhecem a fé dos juramentos e que os elefantarcas só conseguem conduzir-os a embarcar, jurando-lhe que, terminada a guerra, os trarão outra vez á terra natal.

Ha narrações modernas que equalam, quasi sob o aspecto maravilhoso, estas antigas fabulas, o tenente Bason, official inglez, narra que, tendo perdido, n'uma caçada, a cavilha da sua umbélla, ordenou ao mayoral do seu elefante que parásse, e lhe fosse buscar um pedaço de madeira secca afim de a substituir. Respondeu-lhe o homem que o elefante, pelo caminho, em breve encontraria o que elle pedia. Bateu o conductor no elefante com o seu martello de commando, como que para o avisar, e falou-lhe demoradamente em alta voz. O elefante, acto continuo, apanhou do chão um punhado de folhagens, que foi rejeitado; depois,



MONSERRATE — VISTA DA GALERIA EXTERIOR

Fantasma doloroso eram aquelles traços,
E co'a carta me fui, d'alma feita em pedaços,
Correr pela cidade, onde como ebrio andei,
Perfume trepador não ha como a saudade.
Busquei Ninon, mulher, atomo, claridade,
Mas o seu doce encanto em vão, em vão, busquei!

Cem vezes leio a carta; a febre não se acalma.
Alta noite voltei co'a morte na minha alma,
Bem sabendo que um drama um quinto acto requer.
—«Em que loucura casis minh'alma novamente?
Onde esperas rever um outro olhar tão quente?
Onde esperas achar mulher assim mulher?»

Já cansado da lucta, as forças já quebradas,
Accendi uma vela e subi as escadas.
Onde iria encontrar quem foi o meu ideal?
Minh'alma desfallece e veste-se de luto,
Meu coração palpita e no silencio escuto
Um canto em tom menor, um canto sepulchral.

Tremendo metto a chave e a porta abrir procuro,
Que me esconde o passado e talvez o futuro,
Abro e vejo Ninon, Ninon posta a chorar!
—«E's tu, Ninon, és tu? — «Sou eu, Porque vieste?»
—«E's tu, minha Ninon, que tal prazer me deste?
Que procuraste aqui?» — «Eu quis me lembrar!»

—«Relembra pois, Ninon, nossa alegria louca,
Pensava o coração, logo o dizia a bocca!»
—«E as suaves manhãs que o nosso amor nos deu!
Nossas trémas!... Dixia eu sim, não me dizias!
Noites de que eram luz tamanchas alegrias
E em qua sempre em minh'alma ouvia o nome teu!»

—«Não te lembras, Ninon, das horas preguiçosas
Passando leves como o vento sobre as rosas?»
—«Se me lembro! E também d'aquella embriaguez
Que punha em minha fronte a sciencia dos teus beijos.»
—«E a varanda, onde, então Ninon dos meus desejos,
Bater a meia noite ouvimos tanta vez?»

Nos braços a apertei, Sua alma, em tal extremo,
Com tal luz me abraçou, que todo inda hoje tremo!
Se nos houvereis visto, houvereis vós de ver
Chammas d'ouro e rubins, que o vivo amor exhala,
Do amor no coração ouvindo toda a escala,
Meu theatro cuidei — que doido! — rebraver.

Nada mais houve, Eis tudo, Ainda aniquilada
Pelo abalo, Ninon ergueu a voz cansada,
Mais ao seio me uniu e em minhas mãos pegou.
Doce era a sua voz, mais doce que um alento
Da brisa sobre o mar. — «Adeus! Leva-me o vento!
Para as tristes regiões do desencanto vou!»

Adeus! Conheço o amor, Em muitos incidentes
Dentro em meu coração desci vezes frequentes,
Do fructo prohibido os gostos sei de cor,
Filha d'Eva, trepei pela Arvore da Sciencia,
Tudo me é familiar na estrada da existencia,
Sei que é no morto amor morto deixar melhor.

E eu nunca mais a vi! Onde é que ella hoje existe?
O seu vulto, alta noite, ás vezes, vejo triste
Entre roupas mortas de pallidas visões.
—«Sou eu, teu caro amor,» diz-me ella em voz maguada.
—«E's tu, Ninon? E's tu, ó minha desvairada?
E desco o pranto nosso até aos corações!»

E Hauteroche esvaziou o copo de champagne,
como se bebêra lagrimas.

— Continua, disse-lhe Baccarat. Interessa-me o lance dos teus amores.

— Depois de varias semanas de correrias inuteis em Paris, de não sei quantos raciocinios, duvidas e loucuras, reflecti: Se Lucrezia, a florista cheia de experiencia se houvesse enganado ou querido enganar-me? Se Violante, sem querer saber do gondoleiro, se honvesse escondido no monte

Herma! Se lá a não encontro, dizia comigo, volto a Napoles, e como Plinio, o Velho, stiro-me ao Vesuvio.

Era o ultimo recurso contra a minha tristeza e miseria. Lembra-me que d'essa vez puz-me a caminho só com mil e quinhentos francos e um passe do caminho de ferro, que obtivera como empregado d'um jornal da tarde, *A Patria*.

— Estava doido de todo! disse o mathematico Baccarat

— Um apaixonado, que admira? disse Mario.

— Estava apaixonado e doido, com frenesins, com raivas! Adivinhava que o que quer que fosse de implacavel se havia de ter apoderado da alma de Violante, para que ella assim me desaparecesse sem que eu houvesse meio de lhe avistar o rosto! O meu amor tornava-se como que n'uma aposta entre mim e a minha sorte! Já não tinha a meu favor nem dinheiro nem o sorriso da mulher amada. E nada do mundo queria senão esse sorriso perdido!

Que mais lhes contarei para que perceba a resolução em que estava de achar Violante ou morrer? Amava-a mais doadamente do que nunca; considerava a sua fuga como um desafio ao meu coração e este achava suas juvenis ardencias respondendo ao desafio.

— Torne eu a encontral-a, pensava, e saberei como reconquistar essa alma que me foge e que tão fraca se sente que só pela fuga julga escapar ao meu dominio. Mas como encontral-a? Seja embora na morte!

Paulo de Hauteroche calou-se. Respeitámos seu silencio. O proprio Mario já não ria.

Instantes depois o nosso amigo, sacudindo a cabeça, como quem afasta pensamentos importunos, continuou a sua historia.

(Continúa.)



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Relatorio da direcção da Companhia de Seguros Previdencia — Lisboa, 1899.

O presente relatorio refere-se ao exercicio de 1898 e contem tambem o respectivo parecer fiscal.

Por elles se vê que foi bastante tranquilla a marcha dos negocios da companhia durante aquelle exercicio e que d'elle obtiveram os accionistas lisongeiro resultado, podendo distribuir-lhes o mais elevado dividendo até hoje concedido por aquella companhia, pois é de 20 % livre de imposto de rendimento.

Folgamos por vêr desenvolver-se assim uma companhia portugueza, que apenas conta vinte annos de existencia, e que tem sabido elevar-se no conceito publico.

DICCIONARIO DAS SEIS LINGUAS

Obra unica no genero, indispensavel ao Commercio, á Industria, ás corporações diplomaticas e consulares, aos habellitades, escriptoires, e estudantes de todos os paizes, etc.

ABRANGE

Francez, Portuguez, Hespanhol, Italiano, Inglez e Allemão

Forma um só volume perfeitamente manuseavel e publica-se aos fasciculos de 16 paginas.

30 réis cada fasciculo pago á entrega

Para as provincias ás series de 5, 10 e 20 fasciculos, accrescendo o porte do correio.

Assigna-se em todas as livrarias e na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — LISBOA

Enviem-se prospectos e specimen a quem os pedir.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.